

Governo e da Sociedade civil no enfrentamento das questões relacionadas à infância e à adolescência.

Compreender e analisar os interesses em jogo na operacionalização ou na difusa operacionalização do Estatuto da Criança como a dificuldade de implantação dos Conselhos de Direitos e Tutelares, o (des)compromisso dos poderes constituídos, parece ser fundamental para o entendimento do quadro social da infância presente nesse final de milênio.

A leitura do texto de Nogueira traz para nós a contemporaneidade dos aspectos da infância por ela analisados em Marx e Engels e nos incita a querer entender melhor esse estado de coisas.

O ESPETÁCULO DAS RAÇAS: CIENTISTAS, INSTITUIÇÕES E QUESTÃO RACIAL NO BRASIL 1870 - 1930

Graziela Serroni Perosa

MORITZ SCHWARCZ, L. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questões Racial no Brasil 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Estudo de uma antropóloga, o livro traz uma contribuição aos educadores. Trata-se de uma análise sobre as idéias produzidas pelos intelectuais durante o período de 1870 a 1930 visando explicar a "nação" brasileira. O percurso percorrido pela autora nos dá a exata dimensão de como "*é complexa a vida das idéias*". O trabalho destaca-se por fugir de explicação fácil de que as idéias dos intelectuais brasileiros devem ser entendidas como mera cópia da produção teórica internacional. Ao contrário, há autenticidade e originalidade na apropriação de modelos teóricos.

Dividido em seis capítulos e mais a

introdução e um tópico conclusivo, o livro traça uma espécie de cartografia do debate intelectual de seu período. Tal debate tinha como missão explicar a sociedade brasileira, as diferenças sociais precisavam ser devidamente justificadas em uma sociedade que, a partir da virada do século, se pretendia igualitária. Encontramos descritas as idéias pilares do pensamento nacional, destacando-se a questão racial que se tornará um argumento central no entendimento das diferenças sociais, agora demandando explicação.

Na introdução, já aparece um paradoxo deste debate intelectual. A compreensão sobre a nação brasileira fundava-se em dois modelos distintos: em primeiro lugar, o liberalismo figurava como esperança de progresso. Em segundo lugar, o racismo como explicação de desigualdades sociais. O primeiro aposta no indivíduo e o segundo aprisiona este ao grupo social, aqui entendido como raça. Para tecer o argumento baseado na idéia de raça, os intelectuais brasileiros não apenas importaram teorias raciais em voga na Europa, como também recriaram e combinaram de maneira inusitada tais idéias.

Em "*homens da ciência*", capítulo 1, temos uma caracterização da elite intelectual do período, e ainda, as semelhanças e diferenças observadas em alguns dos principais centros científicos do país. Um mesmo objetivo parece atravessar diferenças observadas em cada um deles: estes homens tomavam para si missão de criar uma memória para o país. Além disso, de norte a sul, o evolucionismo, determinismo e darwinismo social constituíram a base para a explicação de diferenças sociais. Também compartilhavam a fé na ciência e no progresso. Tais premissas teóricas orientaram a compreensão de uma nação que se pretendia moderna e civilizada. O resultado foi uma leitura pessimista: a

miscigenação foi apontada como grande problema e tida como uma característica que inviabilizaria os sonhos de progresso e civilidade, a mestiçagem foi entendida como degenerativa.

Em "Uma história de diferenças e desigualdades", a autora discorre sobre teorias raciais difundidas durante o séc. XIX. Na Europa, os "*homens da ciência*" voltam seus olhares sobre a descoberta de diferentes povos presentes no mundo, desenvolvendo explicações científicas para as variações encontradas. E foi assim, que as incursões por outros cantos do mundo, levaram estes homens a classificar todo "material" encontrado. Os povos mais diversos, passaram a ser considerados selvagens à espera de quem os civilizasse. Neste período emerge o termo *raça*, ligada à tendência de classificar e ordenar as diferenças encontradas entre os homens. Trata-se de uma reação a valores de inspiração humanista, difundidos durante a Revolução Francesa. A crítica ao modelo darwinista virá a partir dos anos 30 deste mesmo século e dará origem aos estudos culturalistas, bem como à noção de relativismo cultural.

Nos capítulos 3 e 4 a autora analisará o impacto destes modelos teóricos nos museus etnográficos e nos institutos históricos e geográficos mais importantes do país. Através da leitura das publicações destes centros, distingue similaridades e singularidades encontradas, bem como o debate entre eles. O ideário presente nos museus está bem resumido no subtítulo: "*Polvo é povo, molusco também é gente*". A partir de modelos explicativos da biologia animal, estudavam os homens e suas diferenças. "*Guardiões da história oficial*" é o subtítulo do capítulo 4, e assim como o anterior, refere-se ao ideal no qual estes homens miravam suas práticas.

Em "*As faculdades de Direito ou Os eleitos da nação*", autora recorre às

publicações das faculdades de Direito de São Paulo e Recife. A primeira tem como marca a crença no ideário liberal, a segunda preocupou-se diretamente com a questão racial. Em Recife, a crença baseava-se na idéia de uma mestiçagem "*modeladora e uniformizada*". Em São Paulo, a luz no fim do túnel era um Estado liberal, capaz de garantir a igualdade de oportunidades a todos. Entretanto, ambas mantinham a crença no Brasil e principalmente na *missão* que cabia aos juristas brasileiros.

Em "*As faculdades de medicina ou como sanar um país doente*", através das publicações e documentos das faculdades do Rio de Janeiro e da Bahia, a autora mostra como os novos doutores tomam para si a questão racial. Para os baianos, a mistura de raças gerava uma população doente; para os cariocas, o convívio de tantas raças diferentes originava doenças tropicais. Para além das especificidades, em ambas as escolas, o tema racial foi central.

Para Schwarz, o Brasil foi antes de tudo, entendido e explicado através do conceito de raça e não a partir de modelos econômicos, políticos e/ou sociais. Apenas a partir de 1930, este eixo começa a ser deslocado; em seu lugar ganha força o modelo eugenista de análise que irá separar a população em "*enfermos*" e "*sãos*". Aos poucos, se intensifica a idéia de um Brasil doente, necessitando de uma política de higienização. Através de análise da trajetória deste debate intelectual, é possível reconhecer o percurso do modelo higienista no Brasil, fonte das profissões assistenciais no país. A higienização estará sempre associada à pobreza e aos negros. Esta população deveria deixar de viver como vivia. A transformação de *culturas atrasadas em culturas adiantadas*, deveria se dar através do saneamento e da higienização. Segundo a autora, o papel desempenhado pelas teorias raciais, foi o de enfraquecer um outro debate: o da

cidadania. Tal debate não chega a se constituir, permanecendo, sim, uma combinação paradoxal de liberalismo com racismo. Na verdade, este debate foi uma tentativa de naturalizar as diferenças em uma sociedade formalmente igualitária. Pessimista em sua origem, a explicação calcada na raça cede espaço para a explicação fundada na idéia de higiene. As teorias raciais puras levaram os intelectuais brasileiros a um beco sem saída.

As políticas educacionais surgiram neste contexto e carregaram as marcas deste pensamento. As raízes históricas das explicações sobre o fracasso escolar, por exemplo, podem ser encontradas neste debate. Na verdade, elas permanecem calcadas em teorias raciais e na idéia de higienização da sociedade. Muitas vezes, as origens tornam-se opacas pela alteração de nuances. Outras vezes, sem qualquer esforços do pensamento, podemos reconhecê-las. *Espetáculo das Raças* possibilita este reconhecimento e a compreensão da filiação histórica de muitas idéias atuais.

POR ENTRE AS PEDRAS: ARMA E SONHO NA ESCOLA

Ana Beatriz Cerisara

KRAMER, S. *Por entre as pedras: Arma e sonho na escola*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

A leitura e releitura do livro - inicialmente tese - da Sônia deixou muitas sensações e marcas em mim professora-pesquisadora-leitora. Não sei bem como explicar o que mais me prendeu e acabou por fazer com que não terminasse a leitura deste livro do mesmo jeito que comecei. Mas em quê exatamente reside a novidade?

Será na agradável surpresa de ver um texto para educadores escrito com paixão e esperança, sem que o rigor teórico tenha sido abandonado? Ou será na sensação de ter percorrido caminhos que levam da filosofia para a sociologia, passando pela história, ao mesmo tempo em que vemos as histórias do cotidiano escolar sendo narrada em uma linguagem carregada de parceiros da melhor literatura? Poderia ser também pelo fascínio que tanto "as dobras da reflexão, o cotidiano da escola" (parte I) quanto as "dobras do cotidiano da escola, a reflexão teórica" (parte II) vão exercendo sobre o leitor? Ou ainda o deleite em passear por um texto que o tempo todo exige a presença do leitor, seja para assumir o papel de crítico ou de cúmplice da autora?

Foi estranho, talvez um pouco melancólico, perceber a minha faceirice quando, ao abandonar a leitura do livro para escrever estas "mal-traçadas-linhas", constatei que havia tomado um banho de refinamento e de simplicidade, de leveza e rigor teórico-literário e eu nem estava lendo um romance ou uma obra de ficção, mas um livro para e da escola, para e dos professores. O porquê da estranheza vocês vão poder conferir-concordar-discordar depois de ler o livro; eu me atreveria a dizer que parte dessa sensação se deve ao fato de o texto da Sônia ter conseguido materializar aquilo sobre o que ela "tematizou", ou seja, a necessidade de encarmos o saber não só na sua dimensão científica, mas também na sua dimensão cultural, poética, artística como estratégia contra a cristalização da nossa linguagem e da nossa prática pedagógica. São palavras dela:

É de erotização do conhecimento que falo, de valorização do saber científico e do não-científico como pedras preciosas do fazer e do querer humanos. Pois quem mais conhece, senão o homem? Quem mais conhece a si próprio e fala a si de si, senão o homem? Quem mais se faz sujeito no coletivo, senão o homem, e graças à